**EDUCAÇÃO FÍSICA E EDUCAÇÃO INFANTIL: INTERFACES ALICERÇADAS PELA PESQUISA FORMAÇÃO NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA**

Roberta Jardim Coube (ELAC/GEPPROFI-UFF/FME)

Verônica Fabiola Neves Rodrigues (GEPPROFI-UFF/FME)

Tainara Navas Santos Costa (GEPPROFI-UFF/FME)

Resumo:

Alicerçado pela pesquisa formação narrativa (auto)biográfica, este trabalho traz algumas interfaces entre Educação Física e Educação Infantil, construídas por meio das experiências docentes das autoras com as infâncias em três Unidades Municipais de Educação Infantil (UMEIs) de Niterói. Os diálogos com as crianças, e os espaçostempos educativos reservados às mesmas, apontam a relevância da Pedagogia do brincar e de práticas corporais propícias ao desemparedamento dos corpos, compreendendo que somos natureza. O conceito de formação na abordagem (auto)biográfica (Bragança, 2011), constitui-se fio condutor para as tessituras das autoras professoraspesquisadoras que trazem nas suas biografias educativas a presença (e ausências) da Educação Física nas UMEIs, considerando uma costura que se reconheça mobilizada pela racionalidade sensível, construtora de uma epistemologia da formação que considere a importância da(s) corporeidade(s) para a formação de crianças alegres e expressivas.

Palavras Chaves: infâncias; corporeidades; formação

Introdução

Alicerçado pela pesquisa formação narrativa (auto)biográfica, este trabalho traz algumas interfaces entre Educação Física e Educação Infantil, construídas por meio das experiências docentes das autoras com as infâncias em três Unidades Municipais de Educação Infantil (UMEIs). Professoras das infâncias cujos interesses de pesquisa caminham ao encontro da epistemologia da formação que tem como meta mobilizar para uma racionalidade sensível capaz de incorporar a vida dos sujeitos (Bragança, 2011).

Os diálogos com as crianças, e os espaçostempos educativos reservados às mesmas, apontam a relevância de práticas corporais propícias ao desemparedamento dos corpos, que compreendem sermos natureza; além de nos fazer tecer conversações outras que considerem as crianças sujeitos legítimos outros que nos auxiliam a sentirpensaragir práticas pedagógicas mais respeitosas com as infâncias, suas corporeidades, seus processos de ser e estar no mundo, processos que são atos criativos.

Dessa forma, a defesa do corpo vivido – localizado nas dimensões culturais, sociais, políticas, entre outras – estrutura o conhecimento do corpo na escola e fortalece a importância para os exercícios de ser criança no mundo. Pensar corpo, então, transcende as meras dicotomias, tais como: “corpo-mente”, “natureza-cultura”, “homem-natureza”; e nos auxiliam a construir conhecimentos encarnados sobre os seres humanos no mundo, o modo como sentimos, pensamos e agimos, como construímos saberes e percepções de nós mesmos.

Os estudos das corporeidades conectam Educação Física e Educação Infantil alicerçando a formação humana sensível, ética-estética das crianças, sujeitos histórico-culturais que aprendem por serem corporeidades no mundo. Por essa razão, trazemos o conceito de formação na abordagem (auto)biográfica, a partir das reflexões de Bragança (2011). A formação constitui-se fio condutor para as tessituras das autoras professoraspesquisadoras que trazem as *biografias educativas* como alternativa teórico metodológica para a articulação Educação Física-Educação Infantil, considerando uma costura que se reconheça mobilizada pela *racionalidade sensível* (*Ibidem*, 2011) e, consequentemente, construtora de uma epistemologia da formação que considere a importância dos estudos da(s) corporeidade(s) para a formação de crianças alegres, expressivas e falantes.

Redes educativas: conversações entre educadoras das infâncias

 Em consonância com as nossas experiências pedagógicas nos espaçostempos de formação de/com crianças, muitas inquietações foram intensificadas e algumas delas trazemos para esta conversa: como nós sentimos as ausências do professor de Educação Física na Educação Infantil? Qual a importância do corpo em movimento para a formação de nossas crianças?

 Apresentamos, assim, algumas de nossas percepções sobre os espaçostempos destinados às crianças, frutos de conversas com as crianças durante as horas em que passamos juntas. Trazemos nossas *biografias educativas* por acreditarmos na potência do “trabalho com as histórias de vida, em contexto de formação de professores/as, pode contribuir na busca de uma racionalidade mais humana, sensível e partilhada” (Bragança, 2011, p.157). Nos percursos de nos constituir professoraspesquisadorasautoras das/com as infâncias, seguimos em movimentos.

 Roberta: [...] atuo como professora de Educação Física [...] com turmas de crianças entre 2 e 5 anos. [...] O contato com as crianças me alterou/altera por razões diversificadas, por serem corporeidades curiosas, indagadoras e exploradoras o mundo, exigindo de mim mediações que *superem* “modelos cristalizados e perpetuados para oferecer práticas criadoras” (*Ibidem*, 2012, p. 94). [...] as minhas aulas ocorrem em outro espaçotempo, a partir da parceria entre duas diretoras/gestoras que reconhecem a importância das práticas corporais significativas. [...] caminhamos um quarteirão até à escola da rede estadual, [...] as crianças brincam no pátio e numa área verde, com árvores frutíferas, canteiros para plantio, espaço de compostagem, ninhos de passarinhos, borboletas coloridas, aranhas que constroem teias grandes, árvores distintas que são casas para diferentes animais e insetos... e folhas secas que já fazem parte das produções artísticas das crianças. As aulas de Educação Física, então, são encontros planejados como oficinas de “Corpo e Movimento”, ao ar livre, em que somos (crianças, professoras e diretoras) seduzidas pelo encantamento da natureza – natureza que nos constitui e que estamos nos reconectando, buscando praticar a Educação Infantil como direito e alegria, em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias (Tiriba, 2021). É corporalmente que as crianças questionam o emparedamento e a rotina ausente de elementos brincantes. E são em relações de solidariedade e cooperação que fazemos valer a formação humana de nossas crianças: as ausências, as lacunas, os empecilhos vividos em nossa UMEI fortaleceram o nosso “coletivo profissional” que se reconhece “autônomo e construtor de saberes e valores próprios” (*Ibidem*, 2011, p.93). “Professora, estou gostando muito daqui”, diz Davi (4 anos); “Tia de Educação Física, olha a borboleta!” (Sofia, 3 anos); “Vamos cantar a música da borboletinha?” (Arthur, 3 anos). As aulas de movimento para/com o ensino infantil devem ser, antes de qualquer teoria, espaçostempos brincantes de vida, de experimentações com todos os órgãos dos sentidos, as crianças devem explorar as possibilidades dos materiais utilizados (cordas, bolas, petecas, bambolês...) que não se resumem aos brinquedos prontos, mas aos elementos brincantes que nos constituem (folhas secas, terra, árvores, gravetos...).

 Verônica: Os pequenos corpos em desenvolvimento que necessitam do movimento para que possam se compreender e compreender o mundo a sua volta, é uma questão que na educação infantil se constitui um desafio. [...] Na escola em que leciono os espaços são diminutos, tento amenizar a ansiedade crescente em crianças tão pequenas, por terem que passar grande parte de seus dias numa espécie de enclausuramento escolar. O brincar para algumas crianças da comunidade acontece muitas vezes na rua, em plena liberdade, sem regras, mas também sem segurança, pois a violência pode eclodir a qualquer momento. Para outras crianças do grupo está cada vez mais reduzido o espaço do brincar, tanto nos espaços familiares como no escolar, mas nos espaços virtuais ilimitados e ao mesmo tempo restrito a nenhum movimento, o que produz crianças obesas, ansiosas, nervosas ou apáticas [...] *uma escola* com jardim, pátio e quadra esportiva *pensada para a infância*, que hoje parece ser cada vez mais um luxo para poucos. Nas paredes amarelas de uma casa, cedida à prefeitura por uma benfeitora da comunidade, que atualmente serve como instituição de educação infantil e acolhe crianças entre 2 e 5 anos. Como casa doada, sua estrutura não é bem o que poderíamos chamar de apropriada para ser uma escola. O local que temos para que elas possam usufruir suas corporeidades fica no terceiro andar da referida construção, em forma de um amplo salão onde encontram-se alguns brinquedos (disputando o espaço disponível para as atividades lúdicas, brincantes), lá as crianças costumam correr em círculos. Este espaço é o local preferido de todas as crianças, o famoso “parquinho”. Quando falo que chegou a hora do “parquinho” o sorriso estampado de alegria é imediato, Adrian grita para seus companheiros “Chegou a hora! Vamos!”. Observo-os correr de um lado para outro, piruetas, o desce-e-sobe do pequeno escorrega e as brincadeiras – direcionadas por mim ou inventadas por eles – apontam diariamente a importância do movimento neste momento peculiar da vida humana, em que apreendemos muito por meio dos nossos corpos. Infelizmente o espaço físico que temos separa, desde a tenra infância, homem e natureza; e, para piorar, a ausência de um professor de Educação Física [...]. Nós, professores, fazemos o possível para que estes corpinhos se mexam e aprendam o máximo possível, mas não temos formação efetiva para despertar e observar as potencialidades das crianças. As aulas de Educação Física na Educação Infantil, de forma interativa e lúdica, auxiliam as crianças a descobrirem maneiras diferentes de uso e ocupação do espaço, promovendo várias explorações com o corpo como rastejar, escorregar, saltar, equilibrar-se, escalar, dar cambalhotas, manusear objetos, entre outras formas interessantes de atuação corporal. Por isso a ampliação dessas experiências com movimentos faz-se necessária, haja vista que conhecer seu corpo significa conhecer a si mesmo e o espaço que este ocupa, bem como produzir sentidos por parte das corporeidades, ampliando sua leitura de mundo, contribuindo para a existência do ser humano de modo mais consciente, significativo, sensível.

 Tainara: A simplicidade das crianças em perceber a natureza e transformá-la em brincadeira me encanta. Foi assim, me encantando pelo brincar das crianças da Educação Infantil em proximidade com a natureza que me descobri enquanto uma adulta brincante em minha inserção profissional, em um espaço que me formou como professora e pesquisadora, a Educação Infantil [...]. Ao ser convocada para a Rede do município em que resido me deparei com uma realidade bem diferente de estrutura física e contato com a natureza na escola, com o emparedamento das infâncias. Um prédio de quatro andares, corredores de azulejos brancos e frios, com portas de um lado e do outro e no último andar um lugar para as crianças correrem com o chão pintado de cinza, onde também faziam educação física. Ficávamos nove horas nos dividindo entre a sala, o quarto andar e o refeitório, era angustiante, e comecei a pensar possibilidades com as crianças de ficarmos mais próximos da natureza e termos *espaçostempos* de brincadeiras ao ar livre, onde pudéssemos movimentar nossos corpos. Com a autorização da direção da escola, criamos um novo parque, em um espaço que só era utilizado para fazer a fila de entrada das crianças, e tinha uma árvore bem grande e cimento em volta dela. O parque da árvore, como as crianças escolheram o nome, virou um verdadeiro sucesso, brincamos de subir nos galhos da árvore, com as folhas e gravetos que caíam dela. Mas ainda assim, não me sentia pertencente a aquele prédio destinado a crianças tão pequenas e a uma adulta brincante, fui em busca de um outro *espaçotempo* e encontrei outra instituição. Ainda que a UMEI siga sendo um prédio e que tenham retirado todas as árvores que tinham naquele terreno, como nos narram as vizinhas da escola, é um lugar rodeado pelo verde, pela natureza e com muitos espaços brincantes dentro e fora dos seus muros. Nesse *espaçotempo*, fui professora presencialmente por dezoito dias e fui atravessada pela pandemia. No retorno me tornei gestora, e incentivadora das práticas docentes aos arredores da nossa escola, no jardim coletivo que fica logo na frente da nossa UMEI e na praça, compreendo as cem linguagens da criança (MALAGUZZI, 2016.). Dentro dos nossos muros temos uma quadra poliesportiva, um parque com um brinquedão – apelidado pelas crianças – e um solário onde plantamos algumas sementes remanescentes da alimentação escolar, inclusive colhemos e comemos juntos duas melancias deliciosas – foi uma experiência marcante para todas as crianças da escola. A professora de educação física aproveita todos esses *espaçostempos* com as crianças, pulando, dançando, correndo, jogando bola, brincando de brincadeiras outras. As crianças gostam tanto desse momento que os sons animados da alegria de se movimentar começaram a incomodar os vizinhos da UMEI, que em um primeiro momento solicitaram a direção da escola que pedíssemos às crianças e à professora de educação física serem menos animadas e não usassem música nas aulas. [...] os vizinhos entraram com um processo judicial e conseguiram uma tapagem acústica entorno da quadra, o que a tornou muito quente e fez com que toda escola perdesse o vento fresco que circulava. Fora dos nossos muros construímos junto com as crianças o hábito de ir a uma praça próxima à UMEI, um ambiente arborizado, com um coreto, um campo de futebol e casa de um casal de corujas. Na praça [...] já plantamos algumas árvores, brincamos de pique, observamos as corujas, recolhemos galhos e folhas para fazermos atividades na escola, fizemos circuito com a professora de Educação Física, piqueniques, sábados letivos com diversas oficinas abertas para toda a comunidade escolar, contações de histórias, escrevemos palavras com gravetos na parte de chão, movimentamos nossos corpos, construímos memórias e experiências e descobrimos através das palavras de uma criança o motivo do nome do lugar onde fica a nossa escola: “ O vale tem esse nome porque aqui tem felicidade!”

Considerações finais

 As biografias educativas apresentam diversidade, diferença e afinidades localizadas na pesquisaformação narrativa, compondo conversações em consonância aos exercícios de escrita acadêmica de modo mais sensível, valorizando a autoria e as multiplicidades de espaçostempos educativos. Estes exigem de nós diálogos mais afinados com as crianças e as distintas infâncias, em defesa da educação pública de qualidade que corresponda às demandas dos sujeitos aprendentes, buscando relações alteritárias, solidárias e ética-estéticas.

Referências

BRAGANÇA, Inês. Formação docente na escola e na universidade: contribuições das narrativas (auto)biográficas. **Educação em Revista**, vol. 37 (1). Link: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/edrevista/artisle/view/32746>.

CARVALHO, Rosa Malena. **Corporeidade aproximando diferentes campos de formação de professores**. Trabalho publicado nos anais do XV ENDIPE, MG: UFMG, 2010.

MALAGUZZI, Loris. **As cem linguagens da criança**. In: EDWARDS, Carolyn. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na Educação da primeira infância**. Porto Alegre: Penso, 2016.

NISTA-PICCOLO, Vilma Lení; MOREIRA, Wagner Wey. **Corpo em movimento na Educação Infantil**. São Paulo: Cortez, 2012.

TIRIBA, Lea. **Educação Infantil como direito e alegria**. 2. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.